

IDEOLOGIA, NOVOS ATORES E DISPUTA POLÍTICA NOS EUA

IDEOLOGY, NEW ACTORS AND POLITICAL DISPUTE IN THE USA

IDEOLOGÍA, NUEVOS ACTORES Y DISPUTAS POLÍTICAS EN LOS ESTADOS UNIDOS

Caio Gontijo¹
Leonardo Ramos²

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a emergência de novos atores na disputa política atual nos Estados Unidos. Mantemos nossa análise no nível superestrutural da ideologia, com apenas algumas menções ao nível da base material produtiva e reprodutiva. Apresentamos o processo desde o Occupy Movement até a vitória de Trump, em 2016, como um movimento visando um fim, mas que acaba realizando seu contrário. Analisamos a eleição de Trump como uma vitória cesarista num momento de crise orgânica e pormenorizamos seus elementos ideológicos constituintes. Em seguida, apresentamos o período de 2016-2020 como um período de retorno às ‘formas mais democráticas’, distante do ‘democratismo’ formal vigente até então. Disto, se segue uma apresentação da conjuntura mais imediatamente atual, marcada pela pandemia do coronavírus e as eleições presidenciais de 2020. Por fim, propomos uma conclusão que sintetize nossa discussão pregressa com foco na questão da ideologia contemporaneamente nos Estados Unidos, resultando na apresentação de quatro breves teses.

PALAVRAS-CHAVE: Estados Unidos. Donald Trump. Cesarismo. Crise Orgânica. Ideologia. Gramsci.

ABSTRACT

This article aims to analyze the emergence of new actors in the current political dispute in the United States. We maintain our analysis at the superstructural level of ideology, with only a few mentions at the level of the productive and reproductive material base. We present the process from the Occupy Movement to Trump's victory in 2016, as a movement aiming at an end, but which ends up promoting its opposite. We analyzed Trump's election as a Caesarist victory at a time of organic crisis and detailed its constituent ideological elements. Then, we present the 2016-2020 period as a period of return to ‘more democratic forms’, away from the formal ‘democratism’ in effect until then. This is followed by a presentation of the most immediately current situation, marked by the coronavirus pandemic and the presidential elections of 2020. Finally, we propose a conclusion that synthesizes our previous discussion with a focus on the issue of ideology in the United States today, resulting in the presentation of four short theses.

KEYWORDS: United States. Donald Trump. Caesarism. Organic Crisis. Ideology. Gramsci.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la aparición de nuevos actores en la disputa política actual en los Estados Unidos. Mantenemos nuestro análisis en el nivel superestructural de la ideología, con solo unas

© Rev. Práxis e Heg Popular	Marília, SP	v.5	n.6	p. 16-38	Jul /2020	eISSN 2526-1843
-----------------------------	-------------	-----	-----	----------	-----------	-----------------

<https://doi.org/10.36311/2526-1843.2020.v5n6.p16-38>

pocas menciones en el nivel de la base de material productivo y reproductivo. Presentamos el proceso desde el Movimiento Ocupar hasta la victoria de Trump en 2016, como un movimiento que apunta a un fin, pero que termina dándose cuenta de lo contrario. Analizamos la elección de Trump como una victoria cesarista en un momento de crisis orgánica y detallamos sus elementos ideológicos constituyentes. Luego, presentamos el período 2016-2020 como un período de retorno a las "formas más democráticas", lejos del "democratismo" formal vigente hasta entonces. Esto es seguido por una presentación de la situación actual más inmediata, marcada por la pandemia de coronavirus y las elecciones presidenciales de 2020. Finalmente, proponemos una conclusión que sintetiza nuestra discusión previa centrada en el tema de la ideología en los Estados Unidos hoy, resultando en la presentación de Cuatro breves tesis.

PALABRAS CLAVE: Estados Unidos. Donald Trump. Cesarismo Crisis Orgánica Ideología. Gramsci.

INTRODUÇÃO

Como percebeu Lenin, há décadas em que nada acontece, mas há semanas em que décadas acontecem. Não há dúvidas de que vivemos, nos últimos anos, tempos bastante interessantes, em que muitas coisas acontecem. Nos EUA, mudanças importantes começaram no início da década, em 2010-11, se aprofundaram ao longo de sua primeira metade, amadureceram numa síntese ‘original’ em 2016, e hoje, em 2020, tem-se um momento absolutamente intenso, incomparável à “calmaria” das décadas anteriores mas comparável, de acordo com o próprio presidente Donald Trump na coletiva de imprensa do dia 5 de abril de 2020, a um cenário de Guerra Mundial. (TRUMP, 2020).

Gramsci continua cada vez mais atual para compreendermos nosso momento. Seu ponto de partida é Marx, para quem:

[...] o conflito entre as forças antagônicas desemboca periodicamente em crises. Estas são sempre apenas violentas soluções momentâneas das contradições existentes, erupções violentas que restabelecem por um momento o equilíbrio perturbado. (MARX, 2017, p. 248).

O conceito de crise *se torna* cada vez mais complexo enquanto o filósofo alemão desenvolve o que é o capital. Pode-se dizer, de maneira geral, que “crise” nega o capital, mas é o capital que nega a si mesmo, como totalidade que inclui seu próprio contrário, sendo a crise, portanto, inerente, *imanente*. Por isso, para o materialismo histórico, se deve sempre dar conteúdo concreto à especial ‘crise’ da qual se fala.

Gramsci compreende que a crise não tem definição nem origem únicas e, como tal, não tem data de início, exceto algumas de suas “manifestações”, que são tendenciosamente identificadas como a própria ‘crise’. Ele diz: “a “crise” é tão somente a intensificação quantitativa de certos elementos, nem novos nem originais, mas sobretudo a intensificação de certos fenômenos” (2015a, Q15, §5; 4, p. 317), e: “Em suma, o desenvolvimento do capitalismo foi uma “crise contínua”, se assim se pode dizer, ou seja, um rapidíssimo movimento de elementos que se equilibravam e neutralizavam.”

© Rev. Práxis e Heg Popular	Marília, SP	v.5	n.6	p. 16-38	Jul /2020	eISSN 2526-1843
-----------------------------	-------------	-----	-----	----------	-----------	-----------------

(2015a, Q15, §5; 4, p. 317). No momento, contudo, em que alguns elementos predominam, ao passo que outros desaparecem ou se tornam inativos, tem-se os acontecimentos aos quais se dá o nome de crise.

Além de qualificar concretamente a ‘crise’ e o especial desequilíbrio dos elementos que antes se neutralizavam, também é necessário compreender seu alcance histórico. Quando este alcance é tamanho que faz desmoronar o arranjo até então estável entre estrutura e superestrutura (ou seja, o desmoronar de um ‘bloco histórico’), trata-se, para Gramsci, de uma ‘crise orgânica’: “O processo é diferente em cada país, embora o conteúdo seja o mesmo. [...] Fala-se em “crise de autoridade”: e isto é precisamente a crise de hegemonia.” (2017, Q13, §23; 3, p. 61). Gramsci continua: “Quando a crise não encontra esta solução orgânica, mas sim a do chefe carismático, isto significa que existe um equilíbrio estático.” (2017, Q13, §23; 3, p. 61-62). Tal equilíbrio significa a falta de suficiente acúmulo de forças, quer sejam progressistas ou conservadoras, para vencer, culminando-se na necessidade de um ‘senhor’, ‘condutor’, “potências ocultas representadas pelos homens providenciais ou carismáticos” (2017, Q13, §23; 3, p. 60), como Marx o notou em Napoleão III. Trata-se, para Gramsci, de ‘cesarismo’ (GRAMSCI, 2017, Q13, §27; 3, p. 76-79).

Desde o triunfo capitalista pós-Guerra Fria e, particularmente, de sua variação neoliberal, houve uma sucessão de crises³ fundamentalmente financeiras. Se toda a história deste período pode ser considerada a história das “pequenas” crises, em 2007-2008 este quadro muda profundamente. A partir desta data, a crise, que é *a mesma*, se torna ainda mais evidentemente *a mesma*.

Tem-se inicialmente a ‘Crise do *Subprime*’, desencadeada em 24 de julho de 2007, a partir da queda do índice Dow Jones motivada pela concessão de empréstimos hipotecários de alto risco (*subprime mortgage*), prática que arrastou vários bancos para situação de insolvência, repercutindo fortemente sobre as bolsas de valores de todo o mundo. Em seguida, ela mesma ganha maior dimensão na ‘Crise Econômica de 2008’, inaugurada pelo colapso do banco de investimento Lehman Brothers em 15 de setembro de 2008, consequência da Crise do *Subprime*. O que se gerou foi a ainda maior ‘Grande Recessão’, período de declínio econômico geral nos mercados mundiais no final dos anos 2000 e início de 2010, com contração da economia global (MENEZES; RAMOS, 2018). A crise, que cada vez mais se revela global e mais se efetiva historicamente enquanto *a mesma*, não se resolveu e busca uma solução.

Bieler e Morton (2018), em sua defesa de uma nova e mais poderosa ‘crise global’ a caminho, chamam atenção para os efeitos devastadores da desindustrialização sob o emprego no mundo ‘ocidental’ nas últimas décadas de hegemonia neoliberal. Trata-se de uma sincronia com a qual “o neoliberalismo financializou tudo e promoveu a realocação do centro de poder de acumulação de capital para proprietários e suas instituições

financeiras (à custa de outras frações de capital)” (2018, p. 269). Mas a crise nos EUA não é apenas ‘econômica’, seus efeitos saltam da experiência pessoal do desemprego ou desvalorização e se manifestam coletivamente em ideologias, no âmbito da superestrutura. Pode-se propor que a ‘crise’ que hoje atravessam os EUA, seja, de fato, ‘orgânica’ e que por isso seus momentos, que se apresentam como conjuntura, se desenrolem de maneira tão dramática e sem solução de curto-prazo à vista.

Não obstante, como numa situação de ‘tempestade perfeita’, quando dois fenômenos atmosféricos de grandes proporções, como um furacão e um temporal, combinam-se de maneira a somar e amplificar seus efeitos, a atual crise orgânica soma-se à pandemia do coronavírus, inicialmente um evento ‘ocasional’ e passageiro, mas cujo desenvolvimento mostra que terá maior alcance histórico.

Em sua ‘análise das situações’, Gramsci defende que devem-se distinguir os movimentos orgânicos, aqueles relativamente permanentes, daqueles movimentos de conjuntura, ocasionais, com caráter quase acidental. (2017, Q13, §17; 3, p. 36-46). Segundo Gramsci, se segue logicamente que os fenômenos de conjuntura dependam de movimentos orgânicos e não tenham o mesmo alcance histórico destes últimos, que dão lugar à crítica histórico-social. Mas a atual pandemia do coronavírus coloca em perspectiva a questão e afirma o óbvio: em algumas situações, um fenômeno ‘ocasional’ pode ter efeitos relativos tão grandes que é capaz de mudar todo o curso do processo orgânico no qual se encontra.

2016: A ‘VITÓRIA’ CESARISTA DE TRUMP (OU A DERROTA DE TODOS OS OUTROS)

A vitória de Trump em 2016 tem uma pré-história pouco lembrada. Em síntese, à crise de 2008 se seguiu um breve momento de movimentações na sociedade civil estadunidense que tendiam à esquerda. Do “*cyberutopianism*” do início da internet, de inspiração anarquista, que defendia sistemas operacionais de colaboração de software livre e de código aberto (Anonymous, WikiLeaks), contrários aos excessos do Patriot Act, aos protestos em massa em praça pública em 2010-11 nos EUA (Occupy Movement). Todos estes recebiam grande cobertura nos noticiários, causando uma enxurrada de análises sobre seu profundo significado e um grande otimismo à esquerda.

Mas caminhava *pari passu* à emergência da militância esquerdista virtual, da conjuntura Occupy, outros associativismos no âmbito da sociedade civil. Em ‘reação’ à eleição de Obama, e mais radicalmente à direita da maioria do Partido Republicano, surge o Tea Party. Além disso, é uma hipótese (implicitamente proposta por Angela Nagle) sobre a qual se deve dedicar alguma reflexão a de que a militância esquerdista virtual, inspirada por uma sensibilidade ‘transgressiva’, tenha involuntariamente pavimentado

um ‘novo’ caminho para as forças à direita. Disto não teríamos um mero retorno ou pura e simples ‘reação’, mas uma síntese própria. Ou seja, esta direita não seria exatamente a mesma ‘velha’ direita:

Aqueles que afirmam que a nova sensibilidade da direita online hoje é apenas mais da mesma velha direita, não merecendo atenção ou diferenciação, estão errados. Embora esteja constantemente mudando, nesse importante estágio inicial de seu apelo, sua capacidade de assumir a estética da contracultura, transgressão e inconformidade nos diz muitas coisas sobre a natureza de seu apelo e sobre o establishment liberal contra o qual se define. Tem mais em comum com o slogan da esquerda de 1968 ‘É proibido proibir!’, do que com qualquer coisa que a maioria reconheça como parte de qualquer direita tradicionalista. (NAGLE, 2017, p. 28).

A militância esquerdista virtual que, teve seu ápice no Occupy, abriu uma abertura na constelação ideológica hegemônica que foi preenchida *a posteriori* pelo conteúdo político-econômico do Tea Party. Propomos compreendê-lo como uma simples dialética entre “forma e conteúdo”, na qual a ‘forma’ é a ‘nova’ apresentação estética da transgressão, do politicamente incorreto, etc., e o ‘conteúdo’ é o ‘velho’ conteúdo político-econômico da direita Tea Party e seu núcleo fundamentalmente capitalista, o que significa uma mistura apenas aparentemente incoerente entre neoliberalismo (na desregulação do trabalho, desmantelamento das redes de proteção social, etc.) e corporativismo (na proteção intransigente de determinadas frações do capital, no caso de Trump a indústria petroleira, do aço, e o sistema financeiro).

Angela Nagle (2017, p. 19) identifica no comunicador digital da alt-right, Milo Yiannopoulos, uma figura fundamental na apresentação da nova direita politicamente incorreta como algo “transgressivo, subversivo, divertido”. Nagle, lista e caracteriza uma série de figuras que interessadamente denomina como os “gramscianos da alt-light”⁴ (*‘light’*, ‘leve’, parafraseando a ‘alt-right’). Estes últimos têm sido a ponte ‘leve’, no ‘divertido’ ambiente da cultura, entre a nova direita alt-right e os jovens que se formam politicamente e ideologicamente no ambiente online.

A disputa por consensos nesse novo ambiente de associativismo chamado ‘internet’ se deu em meio a uma dualidade perversa entre, de um lado, a alt-right transgressivamente ‘politicamente incorretos’ (e muitas vezes intencionalmente incorrendo em racismo, misoginia etc.) e, de outro lado, a militância esquerdista virtual, cobrando o uso dos pronomes corretos junto às novas discussões de gênero, a abolição de termos inconscientemente racistas, a abolição de práticas que refletiam apropriação cultural, etc. O embate entre os dois cria uma dinâmica específica que Nagle propõe compreender como um jogo de retroalimentação composto de ‘resposta a uma resposta a outra resposta’ e assim por diante.

O problema, no entanto, é que esta dinâmica exclui de seu ambiente qualquer coisa que não é ela própria. A saber, nos EUA houve iniciativas que vieram à internet tentar ocupar um espaço mais à esquerda, com debates relativos ao conflito distributivo entre classes e questões de maior alcance socioeconômico (com um léxico mais convidativo, mais ‘jovem’, fora das velhas palavras de ordem). Mas logo em seguida, estas iniciativas, como a rede The Young Turks, Kyle Kulinski etc., logo começaram a ser ‘cobrados’ online como misóginos secretos (cujas evidências seriam pequenos recortes descontextualizados de vídeos, críticas, ainda que legítimas, a Hillary Clinton, etc.), ‘Bernie Bros’ (termo pejorativo aos apoiadores de Bernie Sanders em 2016) nos EUA (Owen Jones como ‘brocialist’ no Reino Unido, Jacobin Magazine como ‘esquerda branca’, e uma dinâmica similar se segue para grande parte do mundo ‘ocidental’). (NAGLE, 2017, p. 44).

Com efeito, o que se chama de ‘polarização’ entre a cultura de ‘cobrança’ politicamente correta da ‘esquerda’, e a cultura troll da alt-right estadunidense à ‘direita’, não é a mera divisão classista intrínseca à sociedade burguesa (que deveria tender a um associativismo ‘orgânico’) mas é uma retroalimentação circular bastante recente em termos históricos. Donald Trump se beneficiou desta dinâmica. Contra o ‘politicamente correto’, a ‘forma’, no âmbito da retórica, de todo o ‘conteúdo’ político-econômico neoliberal do bloco histórico vigente desde o fim da Guerra Fria, a comicidade ‘troll’, obscena, *transgressiva*, de Trump.

Trata-se de um efeito ‘ridículo corrosivo’, que Gramsci também notava na experiência fascista:

Dado que todas as religiões ensinaram e ensinam que o mundo, a natureza, o universo, foi criado por Deus antes da criação do homem e, portanto, que o homem já encontrou o mundo pronto e acabado, catalogado e definido de uma vez por todas, esta crença tornou-se um dado férreo do “senso comum”, vivendo com a mesma solidez ainda quando o sentimento religioso está apagado e adormecido. **Daí que, portanto, fundar-se nesta experiência do senso comum para destruir com a “comicidade” a concepção subjetivista é algo que tem uma significação sobretudo “reacionária”, de retorno implícito ao sentimento religioso; de fato, os escritores e os oradores católicos recorrem ao mesmo meio para obter o mesmo efeito de ridículo corrosivo.** (GRAMSCI, 2015b, Q11, §17; 1 p. 130, grifo nosso).

É por isso que não deverá ser motivo de surpresa se Donald Trump alterna frases que indicam plena “adesão” à moral cristã com outras profundamente obscenas e, mais, que todas sejam fundadas com a “comicidade” de Trump – retorno implícito ao sentimento religioso: “Eu sou um verdadeiro crente. E vocês são, muitos, crentes verdadeiros - eu espero que todos - são todos verdadeiramente crentes nesta sala? Acho que sim. Mas o cristianismo está tremendamente encurralado.” (TRUMP, 2016a).

Com a dialética, entendemos que as contradições se explicam em sua totalidade: são distorções *intrínsecas* dela mesma: as obscenidades machistas de Trump, relativizadas por seus apoiadores como “conversa de vestiário”, comum entre “homens”, não é extrínseca à “moral cristã”, mas parte intrínseca dela, pois *totalidade*. Ela mesma, se é uma ideologia, inclui em sua própria prática os “excessos” que somente aparentemente a violam. Isto mesmo, implícita ou explicitamente, *sabem* a classes trabalhadoras cristãs americanas, e não lhes é contraditório que o pratiquem.

Vejamos a coisa um pouco mais de perto. O primeiro debate do Partido Republicano foi promovido pela FOX News em 7 de agosto de 2015. A ABC News descreveu o debate como “o show de Donald Trump, para melhor ou para pior”. Pode-se citar o momento em que Trump é perguntado sobre sua contribuição financeira para a campanha de Hillary Clinton em 2012, sobre o que se explica, dizendo que, tendo “pago” Hillary Clinton, ela faria o que ele quisesse, inclusive comparecer ao seu casamento (o que de fato ela fez), dentre várias outras de suas frases provocativas e polêmicas. (ABC NEWS, 2015). Mais relevantemente, Trump interrompe a jornalista Megyn Kelly de maneira bastante ‘transgressiva’ quando ela o questiona: “Você chama mulheres que não gostam de ‘porcas gordas, cachorras, vagabundas e animais nojentos’”. (BUMP, 2018). Ao que Trump retruca imediatamente “Só a Rosie O’Donnell”⁵ (BUMP, 2018), para o absoluto delírio da plateia que se contorcia em risos, gritos e aplausos. “Para o registro, foi bem além de Rosie O’Donnell” (BUMP, 2018), respondeu Kelly, continuando: “Isso soa para você como o temperamento de um homem que devemos eleger como presidente, e como você vai responder à acusação de Hillary Clinton, que provavelmente será a candidata democrata, que você faz parte da guerra contra as mulheres?”. (BUMP, 2018). Trump responde de maneira curta e direta: “Eu acho que o grande problema deste país é ser politicamente correto” (BUMP, 2018), e o que se seguiu foi o frenesi da multidão que o aplaudia.

Noutro debate, em 13 de fevereiro de 2016, apontando para um atônito Jeb Bush (irmão de George W. Bush e filho de George H. W. Bush), Trump dispara: “Nunca deveríamos ter estado no Iraque, desestabilizamos o Oriente Médio. [...] Eles mentiram. Eles disseram que havia armas de destruição em massa – não havia nenhuma. E eles sabiam que não havia nenhuma”. (TRUMP, 2016b). No dia 25 de fevereiro de 2016, noutro debate: “Esse cara é um frouxo, e esse cara é um mentiroso” (TRUMP, 2016c), para Marco Rubio e Ted Cruz, respectivamente.

Trump denunciava, em seus comícios, os *fundraisers* a portas fechadas que Hillary Clinton promovia. Em Panama City, na Flórida, no dia 11 de outubro de 2016, chega a sugerir que não se podia votar em Clinton, pois trabalharia para o mercado financeiro, no que disse: “Não votem numa vendida de Wall Street como Hillary Clinton”. (TRUMP, 2016d). Nisso, aproximava-se de Bernie Sanders que, no debate da CNN com

a própria Hillary Clinton, no dia 14 de abril de 2016, após ela se negar a apresentar as transcrições de suas palestras à Goldman Sachs ao mesmo tempo que afirmava que teria uma posição dura contra “Wall Street”, ironiza que: “A secretária Clinton chamou a atenção deles. Meu Deus! Eles devem ter ficado arrasados com isso”. (SANDERS, 2016a).

Noutra ocasião, poucos dias antes disso, no dia 25 de março de 2016, e com bastante repercussão, Bernie Sanders foi ainda além nas provocações. Em um comício em Portland, Bernie dispara:

A secretária Clinton, como vocês sabem, fez vários discursos a portas fechadas para as poderosas instituições de Wall Street por 225 mil dólares por discurso. Agora, o que eu disse é que, se você fizer um discurso e receber 225 mil dólares, será um discurso extraordinariamente brilhante. Certo? Deve ser um discurso que abordará e resolverá todos os conflitos do mundo. Deve ser um discurso escrito em prosa shakespeariana. E por tanto dinheiro, deve ser um discurso de tão grande importância que ela deveria compartilhá-lo com o resto do mundo. (SANDERS, 2016b).

No mesmo mês, em outro debate da CNN com Hillary Clinton, no dia 9 de março de 2016, Bernie dispara: “Estou orgulhoso que o cavalheiro que é o chefe da Goldman Sachs – ele não me deu 225 mil dólares de honorários para falar – ele disse que eu era perigoso e ele está certo. Eu sou perigoso para Wall Street”. (SANDERS, 2016c). No entanto, o ‘novo’ representado por Sanders não acumulou forças suficientes para nascer. Entre os dias 25 e 28 de junho, a convenção nacional do Partido Democrata termina por escolher Hillary Clinton como sua candidata. Sanders, que decidiu não desistir da candidatura até a convenção, mesmo ciente da improbabilidade de ser escolhido, anuncia seu apoio à candidatura de Clinton apelando à necessidade da ‘unidade’ do partido para derrotar Donald Trump. (PHILLIP; SULLIVAN, 2016).

A disputa então se tornou Hillary Clinton contra Donald Trump. Assim sendo, a disputa era travada entre o ‘velho’ e o único representante do ‘novo’. Tratou-se da continuidade (com Obama, com Bill Clinton, até com o republicano G. W. Bush) contra o que se apresentou como ruptura (contra ambos, democratas e republicanos). O resultado, como se sabe, foi a vitória de Trump.

Desta situação, deve-se perguntar: Foi Trump que ganhou ou foram os dois grandes partidos que perderam?

Charlie Post percebe que:

A votação de Clinton ainda é de um milhão abaixo da última eleição de Obama. Mais importante, a participação dos eleitores entre os segmentos tradicionalmente democratas do eleitorado caiu. Os afro-americanos caíram de 13% de todos os eleitores em 2008 e 2012 para 12% em 2016. Em algumas

comunidades predominantemente afro-americanas, a queda foi ainda mais precipitada. (POST, 2017, grifo nosso).

Post percebe que Trump conseguiu manter os setores centrais da base eleitoral republicana desde 1980, principalmente os tradicionais (trabalhadores autônomos e pequenos negócios com menos de dez empregados) e novos setores nas classes médias, incluindo cristãos evangélicos; e uma minoria de trabalhadores brancos e mais velhos. Mas bastante interessante, a margem de vitória de Trump veio de um pequeno grupo de eleitores que apoiaram Obama em 2008 e 2012. Dos 700 condados em que Obama venceu duas vezes, quase um terço (209) transferiu-se para Trump; e de 207 condados em que Obama venceu uma vez, quase 94% (194) foram para Trump. A oscilação para Trump estava concentrada nos estados tradicionalmente eleitores do Partido Democrata dos Grandes Lagos e Centro-Oeste, que haviam sofrido a perda de empregos na indústria ao mesmo tempo em que a população latina aumentava. (POST, 2017).

Foi também um fator importante a queda acentuada na participação dos eleitores tradicionalmente democratas (mais relevante que a “mudança” para o Partido Republicano). Trump obteve aproximadamente 335.000 votos *a mais* do que Romney entre as famílias que ganham menos de US\$ 50.000 por ano em Iowa, Michigan, Ohio, Pensilvânia e Wisconsin. Mas Hillary Clinton recebeu 1,7 milhão de votos *a menos* do que Obama no mesmo grupo. Post avalia que foram essas diferenças aparentemente pequenas na preferência e participação dos eleitores que deram a vitória a Trump: menos de 0,25% em Michigan, menos de 1% na Pensilvânia e em Wisconsin e menos de 1,5% na Flórida. E, assim sendo, “Trump não *ganhou* tanto a eleição de 2016, quanto Hillary Clinton *perdeu*.” (POST, 2017).

Desta situação, se percebe que os dois partidos foram incapazes de gerar quadros conectados com seu próprio ‘momento’. A própria crise, no entanto, foi que gerou estes quadros, de maneira ‘extrínseca’ à ação (anacrônica) dos dois partidos. Donald Trump, um não-político, contra Bernie Sanders, um senador independente até 2016, teria sido a *verdadeira* disputa entre os ‘novos’, em 2016. O ‘ridículo corrosivo’ de Trump foi eficaz contra Hillary e é possível que enquanto dure a dinâmica ‘polarizadora’ entre o ‘novo’ representado por Trump e as ‘velhas’ figuras tradicionais de ambos os partidos (onde, sem dúvidas, encontra-se Joe Biden), Trump siga ganhando.

IDEOLOGIA HOJE: IMPEACHMENT, PRIMÁRIAS DEMOCRATAS E A RESPOSTA AO CORONAVÍRUS

A tese de Consiglio (mais ou menos explícita e consciente) é a seguinte: diante do crescimento do poder político e social do proletariado e de sua ideologia,

© Rev. Práxis e Heg Popular	Marília, SP	v.5	n.6	p. 16-38	Jul /2020	eISSN 2526-1843
-----------------------------	-------------	-----	-----	----------	-----------	-----------------

<https://doi.org/10.36311/2526-1843.2020.v5n6.p16-38>

alguns setores do intelectualismo francês reagem por meio destes movimentos de “ida ao povo”. A aproximação ao povo, portanto, significaria uma retomada do pensamento burguês que não quer perder sua hegemonia sobre as classes populares e que, para melhor exercer esta hegemonia, assimila uma parte da ideologia proletária. Seria um retorno a formas “democráticas” mais substanciais do que o “democratismo” formal corrente. Deve-se ver se até mesmo um fenômeno deste gênero não seja muito significativo e historicamente importante e se não represente uma fase necessária de transição e o episódio da “educação popular” indireta. Seria interessante uma lista das “tendências populistas” e uma análise de cada uma delas: seria possível “descobrir” uma das tais “astúcias da natureza” de Vico, ou seja, um impulso social, que visam determinado fim, e termina por realizar o seu contrário. (GRAMSCI, 2014, Q6, §168; 6, p. 202).

Poder-se-ia apontar o momento da vitória de Obama como uma ‘ida ao povo’ em resposta à ‘crise’, intensificada desde 2008: mudar tudo para que tudo permaneça igual. No entanto, Trump também é isso (e, mais além, o percurso de *Occupy Movement* a Trump foi mais uma ‘astúcia da natureza’, movimento destinado a um fim, mas que realiza seu contrário). A diferença entre os dois presidentes, no entanto, é que se seguiu a Obama um momento de aparente retorno ao ‘democratismo’ formal, enquanto, sob Trump, as formas mais substancialmente ‘democráticas’, conflitantes, continuaram predominantes.

Reparemos que, após a eleição de Trump, a sociedade civil estadunidense continuou em efervescência. Em 21 de janeiro de 2017, dia seguinte à posse de Donald Trump, milhares de mulheres protagonizam a *Women’s March*, com a presença estimada de 3 a 5 milhões de pessoas em todo o país (THE WASHINGTON POST, 2017), em resposta às diversas declarações machistas de Trump ao longo de sua campanha. Nos dias 11 e 12 de agosto de 2017, ocorre o *Unite the Right* em Charlottesville, na Virginia. Tratou-se de um encontro de supremacistas brancos da extrema-direita e incluiu membros auto identificados com a *alt-right*, neo-confederados, Ku Klux Klan, neonazistas, e outros agrupamentos. No segundo dia da manifestação houve uma intensa “contramanifestação” de grupos antifascistas que condenavam a reunião ocorrida no dia anterior e houve confrontos violentos entre os manifestantes. (WOOTSON JR, 2017).

A situação do trabalho nos EUA, ao longo do governo Trump, esteve apenas aparentemente positiva. A taxa de desemprego esteve em seu ponto mais baixo desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 (quando os salários reais aumentaram para uma ampla faixa de trabalhadores). Desta vez, contudo, os salários reais dos trabalhadores não aumentaram. Mesmo com relatos de escassez de mão-de-obra no âmbito da indústria (“protegida” por Trump no aço), os salários acompanharam, no máximo, a inflação. Um relatório do *Department of Labor* divulgado em agosto de 2018, calculou que a medida oficial do custo de vida subiu 2,9% de julho de 2017 a julho de 2018, enquanto os salários

subiram 2,7%. O salário real médio dos EUA caiu para 10,76 dólares por hora, 2 centavos abaixo do que era no anterior. (LONG, 2018).

Nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2018, a ‘caravana’ composta por milhares de migrantes pobres latinos se deslocou para as cidades fronteiriças de Tijuana e Mexicali. Em resposta, Trump tentou aprovar fundos do orçamento para a construção de seu “muro” na fronteira, o que acaba gerando um *shutdown* em seu governo do dia 22 de dezembro de 2018 até 25 de janeiro de 2019 – o mais longo na história estadunidense – que resolveu-se num acordo proposto pelo Congresso, que não incluía fundos para o muro, mas destinava US\$ 1,375 bilhões para a construção de 55 milhas de cercas de aço. (ACOSTA et al, 2019).

Simultaneamente, o escândalo envolvendo Michael Cohen, advogado de Donald Trump e vice-presidente da Trump Organization, que se declarou culpado em oito acusações (violações de financiamento de campanha, fraude fiscal e fraude bancária) à investigação Mueller, do *Special Counsel*, acabou gerando ambiente necessário para uma tentativa fracassada de impeachment. (BREUNINGER; MANGAN, 2018). O mais relevante, contudo, é que neste período a aprovação de Trump, segundo a Gallup, subiu ao maior nível desde o início de sua presidência: no início do escândalo envolvendo Cohen, em outubro, a aprovação de Trump esteve em 39%, mas em fevereiro, imediatamente após a absolvição no Senado, sua aprovação subiu para 49%. (GALLUP, 2020).

O que se seguiu ao fracasso do impeachment e consequente fortalecimento de Trump, foi um tropeço ainda maior dos democratas. Os processos de primárias e *caucus* foram conturbados mas logo se tornou claro que a disputa era a mesma que em 2016: o ‘novo’ que lutava para nascer e acumular forças, contra o ‘velho’ que se negava a morrer e se agarrava às velhas figuras, táticas e slogans de campanha. Noutras palavras, estava claro que a disputa era entre Bernie Sanders e Joe Biden e assim, reeditavam o ano de 2016 de Bernie Sanders contra Hillary Clinton ou, mais claramente, as ‘novas’ forças à esquerda que pretenderam ocupar e transformar a política através do Partido Democrata e, do outro lado, o próprio Partido Democrata, admitindo-se como ‘velho’ no slogan de Biden: “*return to normal*” (“retornar ao normal”).

O momento mais importante do processo foi a semana da *SuperTuesday* do dia 3 de março de 2020, em cuja véspera os candidatos Pete Buttigieg e Amy Klobuchar, desistiram da disputa e se somaram a Beto O’Rourke, Cory Booker, Kamala Harris, Andrew Yang e outros, no apoio a Joe Biden, que tivera um desempenho bastante ruim nas primárias e *caucus* anteriores em Iowa e New Hampshire, chegando a ficar apenas em quarto lugar. No dia seguinte, Michael Bloomberg também desiste e apoia Biden e no dia seguinte a este, Elizabeth Warren (a única também considerada mais à esquerda, apesar de seu recuo da defesa de *Medicare For All* e *Green New Deal*, e cujo apoio se

especulava seguir na direção de Sanders) também se retira e não manifesta apoio a nenhum dos candidatos.

Bernie Sanders contra Joe Biden. Em abril, no entanto, quando a crise do coronavírus começou a se intensificar nos EUA, Bernie Sanders, já praticamente derrotado após seguidas vitórias de Biden, decide também se retirar. As eleições então se tornam uma inglória disputa de Joe Biden contra Donald Trump. Nesta altura, parece evidente que a base social de Sanders despreza Biden, ao mesmo tempo em que Trump não se desmoralizou e que Biden não se apresentou como defensor de qualquer conteúdo ‘positivo’, além do mero rechaço ao ‘obsceno’ Donald Trump. A questão de conjuntura que se coloca, no caso, diz respeito aos rumos da crise do coronavírus face às decisões de Trump (e a medida para isto é a percepção dos eleitores, não dos especialistas), bem como à crise econômica ‘provocada’ pela pandemia e seus possíveis aprofundamentos. A partir daí, novos elementos podem se colocar para pensarmos as correlações de força entre Trump e Biden.

Diferentemente do ‘*return to normal*’ de Biden, o slogan de Sanders era ‘*not me, us*’ (‘não eu, nós’). Não eram, afinal, ‘palavras de ordem’ vazias, pois corresponderam ao desenvolvimento real ao longo e após sua campanha. Afinal, depois de abrir mão da candidatura e anunciar apoio a Biden, a base de apoio de Sanders não o seguiu, particularmente após Biden não se comprometer com nenhuma das propostas progressistas de Sanders. (GRAYNER et al, 2020).

Ao ‘velho’ neoliberalismo democrata de Biden e Clinton se opunha e ganhava força o *Green New Deal* do novo keynesianismo⁶ de Bernie Sanders, que enfatizava que o governo deveria gerar novos empregos a partir de obras públicas na ‘infraestrutura em ruínas’ (*‘crumbling infrastructure’*) estadunidense. À incompetência na resposta de Trump ao coronavírus, débito de um sistema nacional de saúde fragmentado e enfraquecido que não cobre a maioria dos estadunidenses e os condena a dívidas exorbitantes, se opunha o *Medicare For All* do novo socialismo democrático de Bernie Sanders. Cada uma destas propostas, as duas mais centralmente relevantes em seu discurso, poderiam ter um impacto significativo no combate aos aspectos mais urgentes e concretos da ‘tempestade perfeita’ estadunidense: o desemprego/sub-remuneração e o colapso da saúde.

Estes dois problemas candentes e suas ‘soluções’ correspondentes no conteúdo programático apresentado por Sanders colocam ironicamente em perspectiva a questão da ideologia implícita no *establishment* democrata. O partido e seus delegados parecem optar pela derrota pela segunda vez (a depender, obviamente, dos desdobramentos da conjuntura (inter)nacional), Biden como Hillary, levando a uma possível paráfrase atualizada e ainda mais frustrante do *18 Brumário*, ‘a primeira como farsa, e a segunda como a primeira’.

Ora, tanto o processo de escolha da nomeação democrata quanto as mais recentes respostas de Trump e seus apoiadores à pandemia, demandam profunda reflexão sobre os elementos ideológicos em plena operação hoje nos Estados Unidos. Diferentemente da perspectiva vulgar segundo a qual ‘ideologia’ se refere a uma espécie de ‘mentira’, ‘falsificação’ na apresentação da ‘verdadeira’ realidade (e, portanto, o marxismo vulgar teria o poder religioso de desvelar a verdade), não se trata apenas de ‘desinformação’, não é ‘mentira’ pura e simples. É ideologia e sua experiência de ‘verdade’ extremamente inflexível. Não se consegue combatê-la com fatos, dados e gráficos, relatórios e protocolos da OMS, por exemplo.

Dada a intensa cobertura midiática (há apenas um assunto, exclusivo, o da pandemia do coronavírus), cada vez menos pode-se afirmar que haja aqueles que não conheçam o problema e apenas sigam a reboque, passivamente, a relativização de Trump à ciência ou sua naturalização de mortes evitáveis. Assim como Maquiavel, Gramsci percebia a relevância do consentimento para fins de exercício do poder e o relacionava à construção de hegemonia. Há, hoje, uma crescente participação do consentimento, cada vez mais ativo do que passivo, no âmbito da ideologia nos EUA. No *Capital*, Marx parafraseou Jesus Cristo ‘atualizando-o’: “Eles não sabem disso, mas o fazem.” (2013, p. 149). Žižek o atualiza ainda mais, à luz de uma ideologia cada vez mais cínica e, atribuindo a formulação desta nova paráfrase a Sloterdijk, propõe: “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem.” (1992, p. 59).

A pandemia do coronavírus não foi uma escolha, mas a negligência na sua conduta nos EUA, certamente foi. Tratou-se de consenso ativo. É que a ideologia tem o poder de reverter retroativamente ‘liberdade’ em ‘necessidade’. A ‘liberdade’ para agir no momento crucial e determinar o futuro *transformada* em ‘necessidade’ histórica, os constrangimentos, incapacidade de ação, ‘dados’ por determinadas circunstâncias históricas. Com a dialética, busca-se uma síntese dos elementos ligados à liberdade e a necessidade em cada momento. Com a ideologia, reverte-se *post factum* todo o processo como ‘destino’.

Detenhamo-nos um pouco mais neste ponto, a fim de ver a coisa mais de perto, a partir do filósofo sardo:

A doutrina de Croce sobre as ideologias políticas é de evidentíssima derivação da filosofia da práxis: elas são construções práticas, instrumentos de direção política, isto é, poderíamos dizer, as ideologias são meras ilusões para os governados, um engano sofrido, enquanto são para os governantes um engano desejado e consciente. **Para a filosofia da práxis, as ideologias não são de modo algum arbitrarias; são fatos históricos reais, que devem ser combatidos e revelados em sua natureza de instrumentos de domínio, não por razões de moralidade, etc., mas precisamente por razões de luta política: para tornar os governados intelectualmente independentes dos governantes, para destruir uma hegemonia e criar uma outra, como**

momento necessário da subversão da práxis. Ao que parece, Croce se aproxima mais da interpretação materialista vulgar do que a filosofia da práxis. [...] **O conceito do valor concreto (histórico) das superestruturas na filosofia da práxis deve ser aprofundado, aproximando-o do conceito soreliano de “bloco histórico”.** Se os homens adquirem consciência de sua posição social e de seus objetivos no terreno das superestruturas, isto significa que entre estrutura e superestrutura existe um nexos necessário e vital. (GRAMSCI, 2015b, Q10, §41; 1, p. 387-389, grifo nosso).

Do nexos vital entre ideologia e a fundação de um novo bloco histórico, os gramscianos devem atentar aos pormenores ideológicos que fundamentam a atual ‘crise orgânica’ e suas manifestações monstruosas a fim de analisar se eles estão prestes a conformar um novo arranjo estável entre estrutura e superestrutura e, assim, iniciando um longo período histórico. A atual crise não se iniciou com a pandemia, mas é elevada exponencialmente por ela. Os elementos que há pouco se encontravam em nuance, como somente a arte⁷ e a teoria conseguem ter suficiente ‘abstração’ e distanciamento para perceber, agora se ‘efetivam’ historicamente. O conceito de bloco histórico nos coloca a obrigação do estudo das ideologias *vis-à-vis* sua base produtiva no tempo.

Quando o olhar se volta ao nível da base produtiva, o ‘novo’ que tenta nascer é a radical ampliação da fronteira de acumulação do capital em direção ao trabalho, gerando os tipos mais extremos de precarização, flexibilização de leis trabalhistas, a intensa tecnologização do sistema produtivo ‘Just in Time’, que abole toda a capacidade produtiva ‘ociosa’, desde o fim da necessidade dos ‘estoques’, por um cálculo exato sobre a demanda, até a remuneração apenas pelo tempo *exato* de trabalho (‘uberização’). Nos EUA, este ‘novo’ conteúdo político-econômico competiu, é verdade, com outro, o *Green New Deal* de Bernie Sanders, devidamente esmagado pelo ‘velho’ neoliberalismo de seu partido, que não quis morrer.

Quando o olhar se volta ao nível superestrutural, das ideologias, nota-se qual é o ‘novo’ que tenta nascer nos EUA. A associação do ‘ridículo corrosivo’ da alt-right com o conservadorismo do Tea Party e demais setores da direita ‘tradicional’, de um lado, em guerra cultural contra o inimigo cada vez mais derrotado do esquerdismo liberal ‘politicamente correto’ que, contraditoriamente, escolhe um dos quadros democratas mais conservadores como nomeação e, portanto, age contra seus interesses. Contra ambos, chegou a haver Bernie Sanders e, mais importante, seu amplo bloco social de diversas associações da sociedade civil. Hoje, a vitória do ‘novo’ da alt-right é profundamente autodestrutiva, assim como a mencionada economia política que a pressupõe, e por isso tem valia o conceito de ‘bloco histórico’. Em síntese, quando se olha para os EUA em 2020, vê-se uma sociedade em movimento frenético de corrida em direção deliberada ao precipício. Consciente, no entanto, disso, não adianta apontar ao precipício, e só se pode

pensar que esta mesma sociedade tenha tomado, em algum momento passado, a atividade-meio ‘correr’ como o próprio fim e internalizou-a como imperativo maior, sem ‘para quê’, nem ‘por quê’.

CONCLUSÃO

Para além da combinação ‘ótima’ entre otimismo e pessimismo, que deveria resultar em ‘realismo’, o momento atual estadunidense demanda paciência ‘histórica’. Desta paciência deverá vir a calma para reconstituir idealmente o movimento real do processo: da pré-história a Trump, marcada pela crise de 2007-08, Occupy Movement e Tea Party e a saga tipicamente ‘democratista’ de Barack Obama, de empolgação infantil a decepção profunda; até a emergência de Trump, a alt-right e seus intelectuais: síntese ‘nova’, que assume a estética da transgressão e inconformidade contra diversos consensos do último ‘bloco histórico’, compreendidos reificadamente por alguns setores da população.

A ‘tempestade perfeita’ vigente no cenário estadunidense atual apresenta diversos problemas para os quais ‘respostas’ distópicas estão sendo propostas. De um lado, a resposta de Trump, que consiste em conflitar com a OMS e incitar seus apoiadores para tentar terminar a quarentena a fim de ‘salvar’ os empregos (e subempregos). De outro lado, a resposta dos democratas, que consiste em negar Trump, sem um conteúdo positivo original de Joe Biden, que despreza o *Green New Deal* e o *Medicare For All*.

Estas duas ‘respostas’ demandam reflexão sobre os elementos ideológicos em plena operação hoje nos EUA e, para tanto, apresentamos quatro teses que concluem nossa análise:

Tese 1 (sobre o passado) – Trump foi a síntese de duas sensibilidades:

Donald Trump se beneficiou da dinâmica de guerra cultural entre a direita *troll* e o *call-out* esquerdista; dito de outra forma, o ‘ridículo corrosivo’ contra o ‘politicamente correto’. Mas uma justa medida entre ‘estrutura’ e ‘superestrutura’ nos informa que a vitória de Trump em 2016 foi uma síntese original entre: 1) O ‘velho’ desespero ‘imediato’ da escassez material das classes mais baixas, prejudicadas pela desindustrialização neoliberal das últimas décadas nos EUA, cuja máxima manifestação é o **Tea Party**, e; 2) a ‘nova’ obscenidade ‘ridícula corrosiva’, ligada à militância ‘transgressiva’ que cresceu com a internet e cuja máxima manifestação é a **alt-right**.

Tese 2 (sobre o presente) – Trump pode ser o primeiro momento de um novo bloco histórico:

O cesarismo regressivo ‘ridículo corrosivo’ de Trump não é ‘a última trincheira do neoliberalismo’. O ‘interregno’ e a ‘crise orgânica’ de Gramsci foram apontados

quando de sua campanha em 2016, dos quais ela seria um ‘sintoma mórbido’. Hoje, a situação já avançou para um momento posterior. A possibilidade de reeleição de Trump, junto à derrota definitiva da alternativa Bernie Sanders, podem terminar por conformar, de vez, a transição ‘entre’ a crise orgânica e um novo bloco histórico. Isso não significa que os desbalanceamentos dos quais a ‘crise’ é composta hajam se resolvido, mas que a atual ‘tempestade perfeita’ que soma a anterior crise orgânica à pandemia do coronavírus seja um momento determinante de um próximo bloco histórico (cuja estrutura e superestruturas são transpassados por auto exploração, autodestruição do corpo e da mente, interpretados como liberdade).

Tese 3 (sobre o presente) – A falácia da ‘unidade da esquerda’:

O equívoco do Partido Democrata ficou evidente quando preteriu o único candidato que poderia representar algo ‘novo’ e, a partir da evidência de sua maior vantagem sobre Trump nas pesquisas eleitorais, vencê-lo e empolgar a sociedade civil e política para a construção de um novo ‘bloco histórico’ mais relativamente progressista. Muito se fala sobre unidade dos setores progressistas; contudo, o primeiro erro é pressupor que estes setores são suficientemente numerosos para vencer. O segundo, é considerar que de fato todos sejam progressistas, independentemente dos adjetivos que dão a si mesmos. Mas o terceiro e mais grave erro é a crença cega na “unidade”. Essa visão carrega uma analogia implícita da soma matemática entre fatores positivos, mas desconsidera que a somatória de dois elementos resulta numa quantidade menor que apenas um dos elementos somados. Este é o caso com Bernie Sanders que, sozinho, é mais forte que somado a Joe Biden e, não à toa, sua base de apoio não o seguiu quando manifestou apoio a Biden.

Tese 4 (sobre o futuro) – Os EUA pós-coronavírus:

Sendo o vencedor das eleições Trump ou Biden, mas sem a capacidade de articulação e expressão de uma “liderança intelectual e moral”, a realidade distópica do atual mundo do trabalho precarizado poderá se reificar como o novo ‘normal’ (e a crítica a ele deixará de figurar como ‘concreta’, localizada no tempo, com políticas e ideologias a serem responsabilizadas, e se tornará uma estéril crítica abstrata contra o ‘todo existente’, resultando num consenso passivo com o atual estado de coisas). Além disso, como Gramsci especificava na apresentação do líder ‘cesarista’ do tipo *condottiero*, o líder Trump em tempos de *guerra* (como analogicamente a pandemia tem sido tratada) será capaz de relativizar tantas mortes por haver ‘salvado’ tantas outras vidas. Os setores progressistas *ou* se reinventam e superam de vez os Biden, Clinton etc. ‘no sentido’ de Bernie Sanders, mas superando-o em erros que ainda não estão claros, mas que devem ser objeto de análise o mais urgente possível, *ou* não voltarão ao poder pelas próximas

décadas, quando a presente ‘geração’, a ‘memória’ do presente, tiver sido completamente substituídas por outras.

Recebido em 12 de maio de 2020

Aceito em 19 de junho de 2020

Editado em julho de 2020

REFERÊNCIAS

ABC NEWS. First GOP Debate: Donald Trump, and Other Memorable Moments. 7 ago. 2015. 1 vídeo (7 min). Publicado por **ABC News**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U2zjsh5noOw>. Acesso em 29 jan. 2019.

ACOSTA, Jim; COLLINS, Kaitlan; MATTINGLY, Phil; LIPTAK, Kevin. Trump concedes to temporarily end shutdown - without wall funding 2019. **CNN Politics**. 26 jan. 2019. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2019/01/25/politics/donald-trump-shutdown-border/index.html> >. Acesso em 28 jan. 2019.

BBC NEWS, 2020a. Coronavirus: Trump orders 'time-wasting' General Motors to make ventilators. **BBC News**. 28 mar. 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/52071611> >. Acesso em 22 abril 2020.

BBC NEWS, 2020b. Coronavirus lockdown protest: What's behind the US demonstrations? **BBC News**. 21 abril 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52359100> >. Acesso em 22 abril 2020.

BIELER, Andreas; MORTON, Adam D. **Global Capitalism, Global War, Global Crisis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. et al. Crises financeiras nos anos 1990 e poupança externa. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 18, n 3, p. 327-357. Setembro-Dezembro, 2008.

BREUNINGER, Kevin; MANGAN, Dan. Trump's ex-lawyer and fixer Michael Cohen sentenced to 3 years. **CNBC**. 12 dez. 2018. Disponível em: < <https://www.cnbc.com/2018/12/12/trumps-ex-lawyer-and-fixer-michael-cohen-sentenced-to-3-years.html> >. Acesso 11 mar. 2019.

BUMP, Philip. Trump's rationalization for calling women dogs helped define his campaign. **The Washington Post**. 14 ago. 2018. Disponível em: < https://www.washingtonpost.com/news/politics/wp/2018/08/14/trumps-rationalization-for-calling-women-dogs-helped-define-his-campaign/?noredirect=on&utm_term=.aa5cc5b3e3c1 >. Acesso 02 dez. 2018.

CLINTON, Hillary. *In*. Clinton: Half of Trump supporters 'basket of deplorables'. **BBC**. 10 set. 2016. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/av/election-us-2016-37329812/clinton-half-of-trump-supporters-basket-of-deplorables> >. Acesso em 09 nov. 2018.

CLINTON, Hillary. **What Happened**. Nova York: Simon & Schuster, 2017.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Mesa Redonda V: Cesarismo periférico [Parte 2]**. Youtube, 17 ago. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JxMD7DsesH8>>. Acesso em 08 jul. 2017.

DE LLANO, Pablo. Alunos de Parkland querem fazer história em Washington em sua cruzada contra as armas. **El País Brasil**. 03 mar. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/internacional/1521841230_139215.html>. Acesso em 17 set. 2018.

GALLUP. Trump Job Approval at Personal Best 49%. **Gallup**. 04 fev. 2020. Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/284156/trump-job-approval-personal-best.aspx>>. Acesso em 22 abril 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Edição de C. N. Coutinho, M.A. Nogueira e L.S. Henriques, 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Edição de C. N. Coutinho, M.A. Nogueira e L.S. Henriques, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Edição de C. N. Coutinho, M.A. Nogueira e L.S. Henriques, 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Volume 4: Temas de cultura. Ação católica. Americanismo e fordismo. Edição de C. N. Coutinho, M.A. Nogueira e L.S. Henriques, 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Volume 6: Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices. Edição de C. N. Coutinho, M.A. Nogueira e L.S. Henriques, 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GRAYER, Annie. NOBLES, Ryan. KRIEG, Gregory. The Bernie Sanders campaign may be over but the disagreements over Joe Biden remain. **CNN Politics**. 14 abril 2020. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2020/04/14/politics/sanders-supporters-biden-campaign/index.html>>. Acesso em 22 abril 2020.

GUTTENPLAN, Don. Returning to his roots, Sanders launches Our Revolution. **The Nation**. 25 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/returning-to-his-roots-sanders-launches-our-revolution/>>. Acesso em 29 set. 2018.

LONG, Heather. America wage growth is getting wiped out entirely by inflation. **The Washington Post**. 10 ago. 2018. Disponível em: <

<https://www.washingtonpost.com/business/2018/08/10/america-wage-growth-is-getting-wiped-out-entirely-by-inflation/> >. Acesso em 20 fev. 2019.

LOSURDO, Domenico. **Democracia ou Bonapartismo**: triunfo e decadência do sufrágio universal. Tradução de Luiz Sérgio Henriques, Rio de Janeiro: Editora UFRJ; São Paulo: Editora Unesp, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Livro III: O processo global da produção capitalista. Edição de Friedrich Engels; Tradução Rubens Enderle, São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia**: história crítica do pensamento econômico: livro 4 de O Capital. Tradução de Reginaldo Sant'Anna, São Paulo: DIFEL, v. 2, 1980.

MENEZES, Roberto Goulart, e RAMOSO, Leonardo César Souza. 2018. "Apresentação - 10 Anos Da Crise Financeira (2008-2018): Leituras E interpretações". **Conjuntura Internacional** 15 (2), 1-2. <https://doi.org/10.5752/P.1809-6182.2018v15.n2.p1>.

MOORE JR, Barrington. **Social origins of dictatorship and democracy**: Lord and Peasant in the Making of the Modern World. Harmondsworth: Penguin University Books, 1973.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies**: Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right. Winchester / Washington: Zero Books, 2017.

PHILLIP, Abby; SULLIVAN, Sean. Democratic National Convention: Bernie Sanders pleads with supporters to back Clinton. **The Washington Post**. 25 jul. 2016. Disponível em: < https://www.washingtonpost.com/politics/democratic-national-convention-warren-sanders-to-speak-tonight-as-party-tries-to-move-past-disarray/2016/07/25/93d4faba-5211-11e6-bbf5-957ad17b4385_story.html?outputType=amp >. Acesso 19 fev. 2019.

POST, Charlie. We got Trumped: Results and prospects after the 2016 election. **International Socialist Review**. Primavera [spring] 2017. Disponível em: < <https://isreview.org/issue/104/we-got-trumped> >. Acesso em 20 mar. 2019.

SANDERS, Bernie. *In*. **Bernie Sanders criticizes Hillary Clinton for Wall Street speeches**. 28 mar. 2016b. 1 vídeo (min. 0:44). Publicado por The Oregonian. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gNVok-nK8js>. Acesso em 24 nov. 2018.

SANDERS, Bernie. *In. Bernie Sanders I am dangerous for Wall Street @CNN Univision Democratic debate march 9*. 9 mar. 2016c. 1 vídeo (min. 0:04). Publicado por Andy. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FAzDzPdgBxI>. Acesso em 21 dez. 2018.

SANDERS, Bernie. *In. Bernie Sanders On Hillary's Paid Speeches & Wall Street - "I Will Break Them Up"*. 16 out. 2016a. 1 vídeo (min. 0:22). Publicado por TruthAboutPolitics Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cojE20DnHFk>. Acesso em 02 fev. 2019.

SKOCPOL, Theda; WILLIAMSON, Vanessa. **The Tea Party and the remaking of Republican conservatism**. Nova York: Oxford University Press, 2012.

THE GUARDIAN. Trump tweets prompt speculation he could fire Fauci. **The Guardian**. 13 abril 2020. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/us-news/2020/apr/13/trump-fauci-tweets-speculation-fire> >. Acesso em 22 abril 2020.

THE WASHINGTON POST. This is what we learned by counting the women's marches. **The Washington Post**. 07 fev. 2017. Disponível em: < https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2017/02/07/this-is-what-we-learned-by-counting-the-womens-marches/?utm_term=.b92aa9f3746c >. Acesso em 15 jun. 2018.

TRUMP, Donald. 2016a. *In. Trump: If I'm President, Christianity will have power in the US*. **Business Insider**. 23 jan. 2016. Disponível em: < <https://www.businessinsider.com/donald-trump-christianity-merry-christmas-2016-1> >. Acesso em 09 nov. 2018.

TRUMP, Donald. 2016b. *In. Republican debate Donald Trump, Jeb Bush spar over Bush family legacy*. **CBS News**. 13 fev. 2016. Disponível em: < <https://www.cbsnews.com/news/republican-debate-donald-trump-jeb-bush-spar-over-bush-family-legacy/> >. Acesso em 09 nov. 2018.

TRUMP, Donald. 2016c. *In. Highlights from the Tenth Republican Debate*. **The New York Times**. 25 fev. 2016. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/interactive/projects/cp/election-2016/tenth-republican-debate-highlights/marco-rubio-attacks-donald-trump-on-hiring-immigrants> >. Acesso em 09 nov. 2018.

TRUMP, Donald. 2016d. Donald Trump Rally in Panama City, Florida Donald Trump Holds Campaign Rally in Panama City, Fla. 11 out. 2016d. 1 vídeo. Publicado por **LIVE STREAMING NEWS**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rRBX8kI0ApA>. Acesso em 18 dez. 2018.

TRUMP, Donald. Trump Warns of ‘Battle’ Not Seen Since World War I. **Bloomberg News**. 5 abril 2020 < <https://www.bloomberg.com/news/videos/2020-04-05/trump-sees-a-lot-of-death-in-comparison-to-world-war-i-video> >.

WOOTSON JR, Cleve. Here’s what a neo-Nazi rally looks like in 2017 America. **The Washington Post**. 13 ago. 2017. Disponível em: < https://www.washingtonpost.com/news/local/wp/2017/08/13/heres-what-a-neo-nazi-rally-looks-like-in-2017-america/?utm_term=.10f212f1a478 >. Acesso em 11 set. 2018.

YEUNG, Jesse. The US is halting funding to the WHO. What does this actually mean?. 16 de abril de 2020. **CNN**. 15 abril 2020. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2020/04/15/world/trump-who-funding-explainer-intl-hnk/index.html> >. Acesso em 22 abril 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**: O sublime objeto da ideologia. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

NOTAS

1 Caio Gontijo, bacharel em Relações Internacionais pela PUC Minas (2016) e mestre em Relações Internacionais pelo PPGRU PUC Minas (2019). Áreas de interesse: economia política, filosofia política, materialismo histórico, Gramsci. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/610448906553787>
ORCID: 0000-0002-2621-6083. E-mail: caiovgontijo@gmail.com

2 Leonardo Ramos, professor do Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas, professor visitante da Universidad Nacional de Rosario (UNR) e pesquisador associado ao Instituto de Estudos da Ásia, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4515370848890848> ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8245-6498>
E-mail: lcsramos@pucminas.br

3 Trata-se da crise do México, em 1994, a crise dos Gigantes Asiáticos, em 1997 (principalmente na Tailândia e, em seguida, Malásia, Indonésia e Filipinas, repercutindo também em Taiwan, Hong Kong e Coreia do Sul), a crise da Rússia em 1998, a crise da bolha da internet em 2000 e a crise da Argentina (2001).

4 Deve-se citar vários outros, como Steve Bannon, Ben Shapiro, Paul Joseph Watson, Charlie Kirk, Jordan Peterson, Richard Spencer e, ainda que mais intelectualizado, Roger Scruton. Essas figuras diferem-se entre si em alguma medida: alguns, como Spencer (que advoga a superioridade do que chama de civilização branca e cristã) se consideram simplesmente conservadores e, enquanto não neguem a relevância de combater-se o racismo, por exemplo, acusam a esquerda de promovê-lo via “vitimização”. Similarmente, Yiannopoulos é famoso por ser um homossexual que critica o discurso e as demandas dos movimentos LGBT e, enquanto não negue a existência da homofobia, explica que preferiria que ele e seus filhos fossem heterossexuais precisamente em função das dificuldades que ela impõe. Por fim, Jordan Peterson, por exemplo, discorda de que a desigualdade seja um problema e a apresenta como uma tendência *natural* entre os seres humanos (cuja natureza seria comparável à das lagostas) e “enxerga” o que chama de marxismo cultural nos mais diversos lugares. Há ainda aqueles, como Alex Jones, do *InfoWars*, que se popularizou por um discurso totalmente conspiratório em que “alerta” sobre a existência de “*Illuminati*”, alienígenas reptilianos, teorias sobre George Soros e a maçonaria etc.

5 Rosie O'Donnell é uma comedianta norte-americana com quem Trump já discutiu várias vezes via Twitter.

6 A equipe econômica de Bernie Sanders contava com Stephanie Kelton famosa economista e acadêmica estadunidense que propõe uma saída ainda mais 'ousada' para a crise através da *Modern Monetary Theory* (MMT).

7 Assim como Gramsci lia 'ideologia' na popularidade da literatura francesa na Itália, seria interessante uma listagem dos filmes, séries, romances etc. 'distópicos' que tiveram grande sucesso na cultura popular contemporânea e uma comparação quantitativa com os arranjos historicamente anteriores entre estrutura e superestrutura. *Black Mirror*, *Altered Carbon*, *Westworld*, *Years and Years*, são apenas algumas das várias séries de grande sucesso nos últimos cinco anos e cujo tema principal é a vida num futuro próximo em que 'governos autoritários', 'novas tecnologias de controle', etc. elevam suas tendências às últimas consequências. Há também os que desenvolvem à última potência as psicopatologias e suas conexões com um 'todo social' desestruturado, em crise, como os mais aclamados longas-metragens de 2019, 'Parasita' e 'Coringa'.

Recebido em 24 de maio de 2020

Aceito em 18 de junho de 2020

Editado em julho de 2020